

Memória Visual na Era Digital: O Papel da Xilogravura em Manipulações

DOI: 10.33871/sensorium.2024.11.9650

Rafael Pagatini¹

Resumo: O artigo explora o processo de desenvolvimento da obra *Manipulações* (2016), criada pelo autor, analisando a interação entre imagens digitais e analógicas, com ênfase na memória visual relacionada à ditadura militar no Brasil e às Jornadas de Junho de 2013. Utilizando a técnica da xilogravura, a obra transforma uma imagem digital de baixa resolução, extraída do Facebook, em um objeto físico, destacando as tensões entre a efemeridade do digital e a permanência do analógico. Inspirada pela teórica e artista Hito Steyerl, que descreve certas imagens contemporâneas como "cópias em movimento" que perdem qualidade à medida que circulam amplamente, *Manipulações* explora essa degradação, ressignificando as imagens por meio de sua materialização. A obra também problematiza o papel dos algoritmos das redes sociais na construção da memória visual, revelando como essas plataformas filtram e priorizam determinadas narrativas, enquanto outras são marginalizadas. Ao evocar práticas de resistência visual e conectá-las às técnicas tradicionais da gravura, *Manipulações* questiona as narrativas dominantes e sugere novas formas de engajamento afetivo e crítico com a história. A obra busca assim não apenas preservar, mas também transformar as narrativas visuais, demonstrando a relevância contínua da gravura como meio de expressão na era digital. Em última instância, *Manipulações* busca contribuir para um imaginário cultural mais amplo e inclusivo, capaz de acolher múltiplas vozes e reconfigurar as narrativas visuais contemporâneas.

Palavras-chave: Memória visual; Xilogravura; Ditadura militar; Imagens digitais; Algoritmos.

Visual Memory in the Digital Age: The Role of Woodcut in Manipulações

Abstract: Abstract: The article explores the development process of the artwork *Manipulações* (2016), created by the author, analyzing the interaction between digital and analog images, with an emphasis on visual memory related to the military dictatorship in Brazil and the June 2013 protests. Using the technique of woodcut, the artwork transforms a low-resolution digital image, extracted from Facebook, into a physical object, highlighting the tensions between the ephemerality of the digital and the permanence of the analog. Inspired by the theorist and artist Hito Steyerl, who

¹ Rafael Pagatini é professor na Universidade Federal do Espírito Santo, artista e pesquisador com doutorado pelo PPGArtes da Unicamp, estágio doutoral na Hochschule Hannover, na Alemanha, e mestrado pela UFRGS. Em 2024, sua tese de doutorado recebeu Menção Honrosa no Prêmio Capes de Teses. Sua pesquisa se concentra na intersecção entre arte, história e direito, explorando a memória e o estatuto da imagem na contemporaneidade, com ênfase nas convergências entre novas mídias e pensamento gráfico. Pagatini possui uma longa trajetória como artista, com exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior, suas obras integram acervos de importantes instituições culturais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4821644201612582>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5708-5397>. E-mail: rafael.pagatini@ufes.br

describes certain contemporary images as "copies in motion" that lose quality as they circulate widely, Manipulações explores this degradation, re-signifying the images through their materialization. The artwork also problematizes the role of social media algorithms in the construction of visual memory, revealing how these platforms filter and prioritize certain narratives while marginalizing others. By evoking practices of visual resistance and connecting them to traditional printmaking techniques, Manipulações questions dominant narratives and suggests new forms of affective and critical engagement with history. The artwork thus seeks not only to preserve but also to transform visual narratives, demonstrating the ongoing relevance of printmaking as a medium of expression in the digital age. Ultimately, Manipulações aims to contribute to a broader and more inclusive cultural imagination, capable of embracing multiple voices and reconfiguring contemporary visual narratives.

Keywords: Visual memory; Woodcut; Military dictatorship; Digital images; Algorithms.

Memoria Visual en la Era Digital: El Papel del Grabado en Madera en Manipulações

Resumen: El artículo explora el proceso de desarrollo de la obra Manipulaciones (2016), creada por el autor, analizando la interacción entre imágenes digitales y analógicas, con énfasis en la memoria visual relacionada con la dictadura militar en Brasil y las Jornadas de Junio de 2013. Utilizando la técnica del grabado en madera, la obra transforma una imagen digital de baja resolución, extraída de Facebook, en un objeto físico, destacando las tensiones entre la fugacidad de lo digital y la permanencia de lo analógico. Inspirada por la teórica y artista Hito Steyerl, quien describe ciertas imágenes contemporáneas como "copias en movimiento" que pierden calidad a medida que circulan ampliamente, Manipulaciones explora esta degradación, resignificando las imágenes a través de su materialización. La obra también problematiza el papel de los algoritmos de las redes sociales en la construcción de la memoria visual, revelando cómo estas plataformas filtran y priorizan ciertas narrativas mientras marginan otras. Al evocar prácticas de resistencia visual y conectarlas con técnicas tradicionales del grabado, Manipulaciones cuestiona las narrativas dominantes y sugiere nuevas formas de compromiso afectivo y crítico con la historia. Así, la obra no solo busca preservar, sino también transformar las narrativas visuales, demostrando la relevancia continua del grabado como medio de expresión en la era digital. En última instancia, Manipulaciones busca contribuir a un imaginario cultural más amplio e inclusivo, capaz de acoger múltiples voces y reconfigurar las narrativas visuales contemporáneas.

Palabras Clave: Memoria visual; Grabado en madera; Dictadura militar; Imágenes digitales; Algoritmos.

Introdução

A revolução digital das últimas décadas transformou profundamente a produção, disseminação e interpretação de imagens, alterando a maneira como nos relacionamos com a memória e a história. No contexto da ditadura militar no Brasil (1964-1985), a representação visual desse período permanece como um elemento central na construção e manutenção de narrativas sobre o passado. Hito Steyerl, teórica e artista, argumenta que, na era digital, as imagens são cada vez mais definidas por sua circulação e compartilhamento, e menos por seu conteúdo intrínseco. Este fenômeno, que Steyerl denomina como a era das *poor images* (imagens pobres), caracteriza-se por baixa resolução, circulação massiva e constante remixagem. Isso foi particularmente evidente no Brasil, onde fotografias de eventos históricos, como os protestos das Jornadas de Junho de 2013, se transformaram

em símbolos reinterpretados da resistência e da memória coletiva. No entanto, muitas dessas imagens perderam nitidez e qualidade original devido à sua extensa circulação e reprodução em rede.

No Brasil, imagens históricas relacionadas à ditadura militar têm sido amplamente recontextualizadas em plataformas digitais, muitas vezes esvaziadas de seu contexto original, o que pode resultar em novas interpretações e usos que ignoram as complexidades históricas. Essas imagens, capturadas durante eventos contemporâneos como as chamadas Jornadas de Junho de 2013, não apenas ressoam com o imaginário da ditadura militar por evocarem temas de resistência e repressão, mas também atuam como uma continuação das práticas visuais de contestação social que marcaram a luta contra o regime militar. A imagem de um Fusca em chamas, por exemplo, serve como um poderoso símbolo de revolta popular, conectando as práticas de resistência do passado com as dinâmicas de protesto e contestação do presente. Isso permite uma reflexão crítica sobre as narrativas de poder que se perpetuam ao longo do tempo. Assim, essas imagens se conectam à memória histórica, sendo recontextualizadas em novos formatos e utilizadas para questionar e refletir sobre as narrativas do passado. Na obra *Manipulações (2016)*, essa recontextualização ocorre através da combinação da xilogravura com uma imagem extraída de um print de tela de um smartphone, capturado da rede social Facebook. Ao recontextualizar uma imagem digital em um formato analógico, *Manipulações* não apenas ressignifica as associações presentes no contexto das redes sociais, mas também problematiza a natureza efêmera das imagens digitais ao conferir-lhes uma presença física e tangível. Dessa forma, a obra desconstrói as expectativas sobre como essas imagens de baixa resolução devem ser vistas e compreendidas, promovendo tensões sobre o papel da imagem na construção e manipulação da memória histórica na era digital.

Assim, a interseção entre as redes digitais e o suporte analógico na arte contemporânea oferece não apenas uma fusão técnica, mas também um espaço fértil para a produção de novas perspectivas e interpretações que enriquecem nossa compreensão da memória e da história coletiva. Ao integrar elementos digitais efêmeros com práticas analógicas que se vinculam a uma tradição gráfica, como a xilogravura, o trabalho busca tensionar o fluxo de informação usual das redes e sugere o quanto o virtual cada vez mais tem influenciado em todas as esferas da vida cotidiana. Essa combinação permite uma recombinação do tempo de produção da imagem, onde o digital, com sua capacidade de rápida disseminação e reapropriação através das redes, se encontra com o analógico, que traz consigo um senso de permanência e materialidade.

Nesse processo, a arte atua como um catalisador que expõe a profundidade dos imaginários culturais que emergem dessas interações. Por exemplo, as redes sociais amplificam a criação e a circulação de imagens, permitindo que narrativas não hegemônicas, como aquelas que documentam a violência policial, ganhem visibilidade e desafiem as narrativas dominantes. Quando essas imagens oriundas do universo das redes são reinterpretadas em um trabalho de arte, elas adquirem uma nova dimensão, não apenas como documentos visuais, mas como artefatos históricos que refletem as lutas e resistências contemporâneas. Ao transformar uma imagem amplamente disseminada nas redes sociais em um objeto de arte, *Manipulações* participa da construção de um imaginário coletivo.

Além disso, essa interseção entre o digital e o analógico permite à arte contemporânea explorar as ambiguidades e contradições da era digital, onde as imagens circulam entre mundos virtuais e físicos. Por meio dessa circulação, as imagens podem adquirir diferentes sentidos e valores, dependendo do contexto em que são apresentadas. *Manipulações* tensiona essa relação ao transportar uma imagem digital para o domínio físico. Assim, a obra destaca como a migração de imagens entre diferentes suportes pode alterar a percepção e compreensão das narrativas visuais. A arte, dessa forma, não apenas confronta o passado, mas também ativa novas formas de engajamento crítico, onde a memória e a história são constantemente reescritas e renegociadas. Em última instância, essa complexa interação entre o digital e o analógico contribui para a construção de um imaginário cultural de produção de imagens mais amplo, inclusivo e multifacetado, capaz de acolher múltiplas vozes e narrativas que, de outra forma, poderiam permanecer marginalizadas.



Figura 1. Manipulações (2016). Xilogravura sobre papel.

2. Descrição da Obra Manipulações (2016)

Manipulações (2016) é uma xilogravura de grande escala, medindo 220 cm por 160 cm de mancha da impressão. A obra foi concebida a partir de uma imagem de referência extraída da rede social Facebook: uma fotografia de um Fusca em chamas, capturada durante as Jornadas de Junho de 2013—um evento marcante de agitação social e política no Brasil. A escolha dessa imagem, amplamente compartilhada e remixada online, reverbera sobre a transformação das imagens na era digital, onde o valor de uma imagem é frequentemente determinado por sua circulação e visibilidade, características discutidas por Hito Steyerl em seu ensaio *In Defense of the Poor Image*.

The poor image is a copy in motion. Its quality is bad, its resolution substandard. As it accelerates, it deteriorates. It is a ghost of an image, a preview, a thumbnail, an errant idea, an itinerant image distributed for free, squeezed through slow digital connections, compressed, reproduced, ripped, remixed, as well as copied and pasted into other channels of distribution. (Steyerl, 2009)

A técnica de xilogravura utilizada em *Manipulações* envolve a gravação manual de uma matriz de madeira, onde uma retícula de meio-tom, composta por uma série de quadrados de diferentes tamanhos, é empregada para criar a percepção da imagem do Fusca em chamas. Essa retícula simula a fragmentação e composição por pixels das imagens digitais, criando uma ponte entre o digital e o analógico e enfatizando a materialidade da xilogravura em contraste com a efemeridade das imagens

digitais. No entanto, ao transformar uma imagem digital em uma xilogravura, a obra *Manipulações* não nega a importância da circulação e do impacto social dessas imagens, mas sim procura recontextualizá-las, conferindo-lhes uma nova camada discursiva. A transposição para o meio analógico, como a xilogravura, adiciona uma dimensão tátil e mais duradoura que desafia a natureza efêmera das imagens digitais em rede. Ao fazer isso, *Manipulações* destaca que, embora o valor das imagens digitais seja muitas vezes ligado à sua circulação, essa circulação pode ser um ponto de partida para novas interpretações e ressignificações quando essas imagens são materializadas e traduzidas em outro formato físico.

Além disso, a experiência visual proporcionada por *Manipulações* é deliberadamente dual. Vista à distância, a imagem do Fusca em chamas é clara e evocativa, remetendo à fotografia original. Porém, conforme o espectador se aproxima, a imagem se desintegra em pequenos quadrados geométricos, que destacam a textura tátil da xilogravura. Essa fragmentação visual não apenas ressalta a complexidade do processo artesanal, mas também metaforiza a maneira como as imagens digitais, ao serem apropriadas e recontextualizadas, podem ser decompostas e reinterpretadas em novos contextos.

A escolha do Fusca em chamas como imagem central se estruturou a partir de seu valor simbólico. Este automóvel, amplamente reconhecido como um ícone do desenvolvimento automobilístico e da classe trabalhadora no Brasil, ao ser retratado em chamas, transforma-se em um poderoso símbolo de resistência e contestação. Durante as Jornadas de Junho de 2013, esse símbolo ressoou com as tensões sociais e políticas do momento, refletindo um clima de insatisfação e luta contra as estruturas de poder. Ao integrar uma imagem extraída das redes de um contexto de protesto, a obra evoca as práticas de resistência visual que têm raízes profundas na história da arte moderna e popular brasileira, especialmente na xilogravura. Esse meio artístico, historicamente utilizado para retratar lutas sociais e políticas, serve como uma ponte entre as manifestações contemporâneas e as tradições artísticas modernas, reforçando a continuidade dessas lutas na cultura visual brasileira.

Assim, *Manipulações (2016)* se posiciona como um comentário crítico sobre a natureza das imagens e suas transformações no contexto das redes sociais. A obra tensiona a relação entre o digital e o analógico, e entre a memória e a história. Sugerindo que, mesmo em um mundo dominado por imagens efêmeras, os processos tradicionais de gravura que ajudaram a moldar a visualidade moderna permanecem na arte contemporaneamente relevantes, desempenhando um papel importante não apenas na preservação, mas também na contestação e transformação das narrativas visuais.

Desta forma, o trabalho ao converter uma fotografia amplamente compartilhada nas redes sociais em uma obra que busca uma fisicalidade para além das telas, desafia a natureza transitória das imagens digitais e propõe uma reflexão crítica sobre seu impacto na construção da memória coletiva. Essa recontextualização não apenas ressignifica a imagem original, mas também questiona narrativas históricas, conectando lutas contemporâneas, como as Jornadas de Junho de 2013, com práticas de resistência do passado, como as vividas durante a ditadura militar no Brasil. Assim, *Manipulações (2016)* busca suscitar um elo entre o passado e o presente ao evocar e recontextualizar imagens associadas à ditadura militar no Brasil. A persistência dessas memórias visuais, que continuam a reverberar na cultura brasileira, se dá não apenas pela sua repetição em diferentes mídias ao longo dos anos, mas também pela forma como essas imagens são continuamente reinterpretadas e ressignificadas na arte e no pensamento social.

Durante a ditadura militar, o regime utilizou diversas estratégias de manipulação da informação, incluindo censura, propaganda e controle dos meios de comunicação, para moldar a percepção pública e manter o controle sobre a narrativa histórica. Nesse contexto, a manipulação visual, por meio da propaganda e da censura de imagens, foi uma ferramenta crucial para reforçar a versão oficial dos acontecimentos². Imagens como as do atentado ao Riocentro em 1981, planejado por setores das

²Essa interpretação baseia-se nas análises do historiador Carlos Fico em *Reinventando o Otimismo: Ditadura, Propaganda e Imaginário Social no Brasil* (Rio de Janeiro: FGV Editora, 1997), onde o autor explora como a

Forças Armadas, ou da execução de Carlos Marighella em 1969, tornaram-se ícones visuais que, mesmo quando usadas para desinformar ou justificar a repressão, permaneceram no imaginário coletivo. Essas imagens, disseminadas pela mídia controlada pelo regime, foram instrumentalizadas para consolidar a versão oficial dos eventos. A persistência dessas imagens na memória coletiva reverbera em *Manipulações* (2016), que, ao retratar um Fusca em chamas—símbolo tanto de modernidade quanto de resistência—, cria uma ponte simbólica entre o passado e o presente. O Fusca queimando nas ruas durante as manifestações de 2013 ressoa com as imagens da ditadura, como o carro Puma destruído no Riocentro ou o corpo de Marighella no interior do veículo. Essa ressonância não é casual; pelo contrário, ela destaca a continuidade das práticas de repressão e manipulação visual que atravessam as décadas, desde os tempos da ditadura até as manifestações contemporâneas.

Ao transpor uma imagem digital contemporânea das manifestações para a superfície da madeira utilizando o processo artesanal da xilogravura, a obra adiciona camadas discursivas e uma materialidade que desafiam a volatilidade e o fluxo das imagens das redes sociais. Essa transição do digital para as fibras do papel cria uma nova camada discursiva sobre a imagem. Além disso, como sugere Steyerl, na era da circulação massiva de imagens pobres, a memória visual é um campo de disputa constante. As imagens que antes eram utilizadas para manter o controle sobre a narrativa oficial são agora reapropriadas e reinterpretadas para resistirem a esse controle, criando novas narrativas e espaços de circulação que questionam os diferentes sistemas que estruturam a sociedade e problematizam verdades estabelecidas. *Manipulações* (2016), nesse sentido, busca problematizar as complexidades e contradições dessas representações históricas. Nesse sentido, a obra ao recontextualizar a imagem do Fusca em um novo meio expressivo, busca tensionar a forma como a história é continuamente reescrita e reinterpretada a partir das transformações e desafios do tempo presente.



Figura 2. Detalhe de *Manipulações* (2016). Xilogravura sobre papel.

propaganda e o controle das informações foram usados pelo regime militar para construir uma narrativa oficial otimista e controlar a percepção pública.



Figura 3. Detalhe de *Manipulações* (2016). Xilografura sobre papel.

3. O Papel das Redes Sociais e Algoritmos na Criação e Distribuição de Imagens

Na era digital, as redes sociais emergiram como plataformas centrais para a criação e disseminação de imagens, mudando radicalmente a forma como o público acessa e interpreta a história. Isso se deve à acessibilidade global dessas plataformas, que permitem que imagens sejam compartilhadas e visualizadas por pessoas em todo o mundo em questão de segundos. A velocidade de disseminação, aliada à capacidade de compartilhamento em massa, possibilita que eventos históricos sejam registrados e divulgados em tempo real. Isso molda a percepção pública de maneira imediata e muitas vezes participativa, mas também superficial e suscetível a distorções, o que pode levar à formação de narrativas simplificadas ou enviesadas sobre eventos históricos.

Além disso, os algoritmos que personalizam o conteúdo para os usuários desempenham um papel crucial, pois filtram e priorizam o que é visto e o que permanece oculto, influenciando assim a construção de narrativas coletivas. Essa dinâmica faz parte do que é conhecido como política algorítmica, um conjunto de decisões e operações realizadas por algoritmos que determinam quais informações e imagens são priorizadas, promovidas ou ocultadas nas plataformas digitais. Embora frequentemente percebidos como neutros, esses algoritmos refletem as intenções dos desenvolvedores e das empresas que os criam, moldando a experiência dos usuários e, conseqüentemente, a construção da memória coletiva.

Esse cenário complexo torna-se ainda mais evidente quando consideramos o papel das mídias alternativas e das autoridades nacionais na disputa por narrativas visuais. Como observa Jiménez-Martínez (2020), tanto os profissionais de mídia quanto as autoridades nacionais utilizam as mídias alternativas para comunicar suas próprias versões dos acontecimentos e monitorar os ativistas. Isso é particularmente relevante em episódios de protesto social, como as Jornadas de Junho de 2013:

Both media professionals and national authorities use in turn alternative media to communicate their own accounts of demonstrations and watch over activists... The increasingly mediated social disputes that characterize current protest episodes, such as the June Journeys, therefore highlight that a greater number of people are taking part in showcasing conflicting versions of the nation, in and through different forms of media (JIMÉNEZ-MARTÍNEZ, 2020, p. 27).

Essa política algorítmica tem implicações profundas na forma como as memórias visuais são construídas e mantidas. Imagem como a do Fusca em chamas, que serviu de base para a produção da obra *Manipulações* (2016), é frequentemente consumida de maneira rápida e filtradas por esses algoritmos, que decidem o que deve ser amplificado e o que deve ser marginalizado. Esse processo não é neutro, mas reflete e reforça as dinâmicas de poder existentes, promovendo conteúdos que geram maior engajamento em detrimento de outros que podem ser mais críticos ou subversivos.

No contexto das redes sociais, a interação com imagens passou a se dar predominantemente através de telas, onde a concepção de materialidade tátil é frequentemente substituída por uma nova materialidade digital, presente principalmente através dos dispositivos de visualização e suas infraestruturas—como cabos transatlânticos e servidores. Hito Steyerl argumenta que, nesse cenário, especialmente no caso das 'imagens pobres,' o valor das imagens digitais é frequentemente definido mais por sua circulação e impacto social do que por seu conteúdo intrínseco ou singularidade.

No entanto, ao transformar uma imagem fruto da circulação massiva em uma xilogravura, a obra *Manipulações* não nega a importância da circulação e do impacto social dessas imagens, mas sim procura recontextualizá-las, conferindo-lhes uma nova camada discursiva. A transposição para o meio analógico, como a xilogravura, adiciona uma dimensão tátil e duradoura que desafia a natureza efêmera das imagens digitais. Ao fazer isso, *Manipulações* destaca que, embora o valor das imagens digitais seja muitas vezes ligadas à sua circulação, essa circulação pode ser um ponto de partida para novas interpretações e ressignificações quando essas imagens são materializadas em um novo formato físico. Assim, a obra colhe e transforma imagens que poderiam ser descartadas rapidamente no ambiente digital, trazendo à tona uma reflexão crítica sobre a memória e o impacto dessas imagens na era digital. A política algorítmica das redes sociais influencia diretamente essa memória visual ao determinar quais imagens são amplamente vistas e, portanto, lembradas. Isso pode distorcer a memória coletiva ao privilegiar imagens que se alinham com certas narrativas dominantes, enquanto outras são esquecidas ou marginalizadas.

Em *Manipulações* (2016), a transposição de uma imagem digital para um processo de trabalho laborioso estruturado a partir de uma técnica de impressão tradicional serve como uma forma de buscar outras superfícies materiais para imagens em um mundo cada vez mais dominado pelo fluxo das imagens em rede. A obra destaca a tensão entre o digital e o analógico na construção da memória. Enquanto as imagens digitais podem ser facilmente manipuladas, alteradas ou apagadas, a xilogravura, apesar de também existir enquanto múltiplo, oferece uma permanência que desafia essa volatilidade. Cada impressão é um objeto físico que existe além da tela e do código, uma manifestação tangível de memória, que exige do espectador um tipo de interação diferente, mais lenta e intencional.

4. Análise Crítica da Política Algorítmica e a Influência das Redes Sociais

Na era digital, a criação, circulação e interpretação de imagens são profundamente influenciadas por algoritmos, que operam como curadores invisíveis, moldando o que é visto e, conseqüentemente, o que é lembrado e esquecido. A obra *Manipulações* (2016) se insere nesse contexto também como uma crítica à política algorítmica e suas implicações na construção da memória visual. Ao evocar a

materialidade da xilogravura em contraposição à imaterialidade das imagens digitais que circulam nas redes sociais, a obra levanta questões sobre o controle e a manipulação das narrativas visuais em um mundo mediado por tecnologias digitais.

Durante as manifestações de 2013 no Brasil, as redes sociais já utilizavam algoritmos para determinar o que era visto pelos usuários, mas esses algoritmos ainda estavam em uma fase de desenvolvimento inicial em comparação com os sistemas mais sofisticados de hoje. Plataformas como o Facebook já implementavam algoritmos de feed de notícias que priorizavam conteúdo com base em interações e relevância, porém, a influência direta desses algoritmos na amplificação ou supressão de conteúdos específicos foi significativamente aprimorada nos anos subsequentes. Após 2013, as plataformas começaram a refinar e expandir suas capacidades de personalização e filtragem de conteúdo, resultando em um maior controle sobre o que é amplamente visível nas redes sociais.

Hito Steyerl, em suas reflexões sobre a política da imagem digital, argumenta que as imagens contemporâneas são cada vez mais moldadas por forças invisíveis—os algoritmos—que decidem quais conteúdos ganham visibilidade e quais são relegados ao esquecimento. *Manipulações (2016)* busca dialogar com essas questões ao recontextualizar uma imagem extraída das redes sociais dentro do processo manual e deliberado da xilogravura. A obra não apenas retrata uma cena de protesto, mas também tensiona à lógica algorítmica que domina as plataformas digitais. Ao transferir uma imagem digital de baixa resolução para o meio tradicional da gravura, o trabalho busca problematizar a facilidade com que as imagens são manipuladas e descartadas na era das redes sociais. A gravura, com sua ênfase na permanência e na materialidade, contrasta com a volatilidade das imagens digitais, que podem ser alteradas ou apagadas com um simples toque.

Assim, a política algorítmica das redes sociais desempenha um papel crucial na forma como as imagens são percebidas e interpretadas para além das redes sociais. Os algoritmos, ao priorizarem conteúdos baseados em engajamento e popularidade, frequentemente promovem imagens que reforcem narrativas dominantes ou polarizadas, enquanto outras, potencialmente disruptivas ou críticas, muitas vezes são marginalizadas. Isso cria um ambiente onde a memória visual é moldada por uma lógica de engajamento de mercado que privilegia o que é mais rentável ou sensacionalista.

Em *Manipulações (2016)*, a presença da retícula de meio-tom ao traduzir a imagem digital em uma série de quadrados que foram gravados manualmente na madeira sublinha a complexidade e a ambiguidade da imagem. A obra sugere que, ao contrário da aparente clareza e objetividade das imagens digitais, sua natureza é muitas vezes construída e manipulada, tanto no nível técnico quanto no simbólico. Nesse sentido, a gravura, com suas imperfeições e textura, atua como uma metáfora para a resistência à simplificação e à manipulação algorítmica.

Ao capturar uma imagem digital das redes e utilizá-la como base para um trabalho no campo da arte, o trabalho sugere como a circulação de imagens nas redes sociais contribui para a construção de novos imaginários que transcendem o ambiente digital. Hito Steyerl argumenta que as imagens que circulam amplamente na internet—apesar de sua baixa qualidade ou da falta de contexto original—têm a capacidade de acumular várias dimensões de informação ao longo de suas trajetórias de compartilhamento e reinterpretação. Nesse sentido, ao transformar uma imagem digital de protestos oriunda das redes sociais em xilogravura, *Manipulações (2016)* busca reverberar o potencial dessas imagens de protesto de se tornarem parte de um imaginário coletivo mais amplo. A obra, nesse sentido, busca evidenciar como as imagens, ao serem retiradas de seu fluxo digital e inseridas em um contexto artístico a partir da materialidade da gravura, podem adquirir novas camadas discursivas que não seriam possíveis apenas no ambiente digital. Este processo de transição do digital para o analógico permite que a imagem contribua para um diálogo contínuo sobre memória, história e identidade, ultrapassando as limitações impostas pela sua circulação inicial online.

Assim, a obra busca tensionar a noção de que as imagens digitais são meramente efêmeras ao problematizar que sua circulação nas redes sociais ao mesmo em que problematiza a efemeridade das imagens também indica como elas, de fato, alimentam e enriquecem a disputa e construção de imaginários que vão além do espaço digital. Ao serem retiradas do seu local nato-digital de criação e

materializadas em uma obra de arte, essas imagens ganham um novo papel na narrativa cultural, tornando-se símbolos duradouros que dialogam tanto com o passado quanto com o presente. Assim, *Manipulações (2016)* busca afirmar as complexidades da memória visual na era digital, onde a batalha pela visibilidade e pela interpretação das imagens se desenrola em um campo simbólico influenciado por forças tecnológicas invisíveis. A obra busca assim indicar como o poder dos algoritmos na formação de compreensão do mundo através das mídias e sobre como a arte pode desafiar e subverter essa influência, preservando a tensão existente nas representações visuais em um tempo de crescente controle tecnológico.

The June Journeys also show that the ways in which nations are communicated have dramatically changed. Despite attempts to maintain control over the image of the nation—understood as the depictions, points of view, opinions and/or versions of a national community—political, economic and technological upheavals have upset the relative monopoly of states in this regard. The image of the nation is an increasingly contested terrain, with various actors producing and circulating competitive versions about what the nation supposedly is. Significantly, the media—as institutions, technologies, corporations—are not mere arenas for these struggles. They are actors in their own right, shaping versions of national identity according to political agendas, organisational routines, commercial interests as well as technological affordances and constraints. (JIMÉNEZ-MARTÍNEZ, 2020, p. 179).

5. Considerações Finais

Portanto, a obra busca se estruturar como uma reflexão sobre a imagem, principalmente a partir da persistência e a ressignificação da memória e do imaginário vinculado à ditadura militar nas representações visuais contemporâneas. Ao integrar a técnica tradicional da xilogravura com a lógica do fluxo das imagens, que rege a criação e a disseminação de fotografias na era das redes sociais, a obra não só problematiza a construção do imaginário do passado, mas também desafia as convenções sobre como a história é visualmente mediada, mediatizada e interpretada.

A escolha da xilogravura—como técnica moderna que carrega consigo uma carga histórica e cultural significativa de disseminação da informação—para produzir uma imagem extraída do contexto digital, reflete uma dualidade: de um lado, a permanência, a tangibilidade e a materialidade da gravura; do outro, a efemeridade, a imaterialidade e a maleabilidade da imagem digital. Essa interseção sublinha a importância de compreender as camadas de visibilidade e invisibilidade que cada meio carrega. Enquanto a imagem digital no contexto das redes sociais é moldada por algoritmos que decidem o que deve ser visto, a gravura, com suas texturas e processos deliberados, revela os ruídos e aspectos da realidade que podem ser obscurecidos ou distorcidos pela manipulação digital.

Além disso, o trabalho busca, como o título sugere, expor as implicações sociais e políticas da manipulação de imagens. A obra força a reconsiderar como as narrativas visuais são construídas, mantidas e desafiadas, especialmente em um contexto onde o controle algorítmico pode influenciar profundamente a maneira como as memórias coletivas são formadas e perpetuadas. Ao suscitar o imaginário de eventos históricos como o atentado ao Riocentro e a morte de Carlos Marighella, a obra questiona as narrativas oficiais e destaca a importância de uma abordagem crítica e consciente ao lidar com imagens que reverberam memórias históricas e políticas no contemporâneo.

Em suma, *Manipulações (2016)* busca problematizar a complexidade das representações visuais nas redes sociais e a necessidade de uma leitura atenta das imagens que consumimos. Ao explorar a tensão entre o fluxo da imagem digital em rede e a permanência material do analógico, entre a visibilidade e a invisibilidade, a obra destaca como as imagens não são apenas veículos de memória, mas também campos de disputa simbólica e técnica. Essa reflexão se torna ainda mais relevante no campo da arte

contemporânea, onde obras como *Manipulações* questionam não apenas o papel da arte na preservação da memória histórica, mas também sua capacidade de contestar e reconfigurar narrativas dominantes. Ao fazer isso, a obra não apenas resgata técnicas tradicionais como a xilogravura, mas também as reinventa, tornando-as ferramentas poderosas para enfrentar os desafios visuais e políticos da era digital. Através de sua abordagem e procedimentos, o trabalho reafirma a importância da gravura como uma forma de expressão atual, capaz de tensionar e problematizar o mundo contemporâneo, especialmente em um momento em que as imagens são constantemente manipuladas e reinterpretadas pelas narrativas do tempo presente.

Referências

FICO, Carlos. Reinventando o Otimismo: Ditadura, Propaganda e Imaginário Social no Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024.

JIMÉNEZ-MARTÍNEZ, César. Media and the Image of the Nation during Brazil's 2013 Protests. Palgrave Macmillan, 2020.

PAGATINI, Rafael. A transmissão das memórias da ditadura militar brasileira na pesquisa artística contemporânea: a construção de imagens críticas através de evidências históricas. 2023. 315 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1378024>.

STEYERL, Hito. In Defense of the Poor Image. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/10/61362/in-defense-of-the-poor-image/>. 2009. Acesso em: 31 ago. 2024.

THYLSTRUP, Nanna Bonde. The Politics of Mass Digitization. Cambridge, MA: MIT Press, 2019.

ZUBOFF, Shoshana. A Era do Capitalismo de Vigilância: A Luta por um Futuro Humano na Nova Fronteira do Poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.